

O UNIVERSAL: UM JORNAL MINEIRO NO TEMPO DA REGÊNCIA (1825-1842)

Irene Nogueira de Rezende*

Resumo: A configuração do Estado nacional se constituiu num processo complexo assinalado por conflitos de diferentes tendências e a imprensa foi um mecanismo dos mais atuantes no recrudescimento dos embates políticos que eram a expressão dos conflitos de interesses. Durante o período que sucedeu a Independência, as províncias testemunharam o aparecimento de inúmeros periódicos, fato que veio enriquecer o debate político que se alastrava pelo território brasileiro naquele momento. Este trabalho objetiva apontar alguns aspectos da vida cotidiana dos mineiros através do jornal *O Universal*, que circulou na província de Minas Gerais, mais especificamente em Ouro Preto, durante os anos de 1825-1842, abrangendo, portanto, todo o tempo da Regência. A imprensa coeva configura importante fonte para o conhecimento do cotidiano, privilegiando informações que raramente se encontram em outra documentação.

Palavras-chave: imprensa, política, cotidiano

O UNIVERSAL: A MINAS GERAIS NEWSPAPER FROM THE REGENCY PERIOD (1825-1842)

Abstract: The building of the national State was a complicated process marked by conflicts of different tendencies, and the press was one of the most active of the mechanisms on the extension of the political confronts that were the expression of the conflicts of interest. During the period after the Independency, the provinces witnessed the rise of many newspapers, enriching the politics debates that were spreading through the Brazilian territory at that moment. The objective of this work, is to point some aspects of the every-day life of the mineiros (Minas' citizens) through the newspaper "O Universal", which circulated around the province of Minas Gerais, especially in Ouro Preto, between the years of 1825 and 1842, therefore, covering all the Regency period. The contemporary press is a very important source to understand the every-day life, focusing on informations that were rarely found in other documentations.

Key-words: Press, Politics, Every-day life

A configuração do Estado nacional se constituiu num processo complexo assinalado por conflitos de diferentes tendências e a imprensa foi um mecanismo dos mais atuantes no recrudescimento das disputas políticas que eram a expressão dos conflitos de interesses. Durante o período que sucedeu a Independência, as províncias testemunharam o aparecimento

* Doutora em História pela Universidade de São Paulo e Pós-doutoranda em História Social na Universidade Federal de Minas Gerais, sob supervisão da Profª Drª Regina Horta Duarte e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG)

de inúmeros periódicos, fato que veio enriquecer o debate político que se alastrava pelo território brasílico naquele momento. Ficaram famosos os periódicos como *Sentinela da Liberdade*, editado e redigido por Cipriano Barata; *O Carapuceiro*, publicado em Recife pelo padre Lopes Gama; *Aurora Fluminense* sob a direção de Evaristo da Veiga no Rio de Janeiro; *O Observador Constitucional*, cujo editor, Líbero Badaró, foi assassinado em 1830 e agravando a crise que levou à abdicação de D. Pedro I.

Minas foi um locus privilegiado de propagação desses veículos. Calcula-se que mais de sessenta jornais foram publicados em toda a província no período que vai do governo de D. Pedro I até o final da Regência. Entre eles merece destaque, além de *O Universal*, *A Sentinela do Serro*, sob a responsabilidade de Teófilo Otoni e *O Astro de Minas*, publicado em São João Del Rei.

Nas primeiras décadas do século XIX refletiram sobre a América portuguesa as conseqüências da desagregação do absolutismo, as guerras napoleônicas, os movimentos de caráter nacionalista, enfim, todas as grandes mudanças ocorridas no continente europeu. E alguns desses reflexos foram a transferência da corte portuguesa para o continente americano empurrada pelo exército de Napoleão e a crise do antigo sistema colonial que impeliu a transformações nas estruturas políticas e econômicas na América Portuguesa. Em decorrência do impacto dessas rupturas e profundas mudanças ocorreu um incremento e ao mesmo tempo a diversificação das atividades produtivas e comerciais, notadamente no sudeste brasileiro. Nesse contexto, a economia mineira, que já se encontrava numa escalada de crescimento interno, foi beneficiada com a chegada da corte portuguesa na medida em que funcionava como um dos maiores (senão o maior) celeiros para o abastecimento da cidade do Rio de Janeiro que se expandia vertiginosamente depois de receber o regente D. João com todo seu aparato.

O historiador Alcir Lenharo teve a sensibilidade precursora de alertar os pesquisadores para esse crescimento da economia de Minas Gerais nas primeiras décadas do século XIX, até então totalmente ofuscada pela corrente interpretativa da estagnação econômica vivenciada pela província. O livro *As tropas da moderação* foi, portanto, uma contribuição pioneira para a revelação desse vigoroso crescimento da agricultura e comércio que refutou a propalada “atrofia” econômica que se seguiu ao esgotamento das jazidas. O autor investigou a questão do abastecimento interno na província, concluindo que o comércio e distribuição de gêneros alimentícios tinham sido a base para a formação de segmento proprietário importante que, nas décadas de 1830 e 1840, investiu na expansão do setor cafeeiro, ressaltando a relevância do Sul de Minas no fornecimento de produtos para o Rio de Janeiro. Mais ainda, o autor

envereda também pela história política e evidencia de que modo esses proprietários tiveram atuação fundamental na configuração do Estado monárquico durante o período regencial e os primeiros anos do Segundo Reinado, agindo tanto em âmbito local quanto em termos do parlamento e do poder executivo, demonstrando que política e negócios estavam inextricavelmente imbricados. Lenharo elucidou intrincadas relações comerciais e de parentesco, bem como suas conexões com o governo local e o poder central.

Destarte, essa nova ordem econômica não se caracterizava pela opulência, magnitude ou um imaginário repleto de eldorados com a riqueza mais concentrada nos centros urbanos. O que se via, então, era o estabelecimento de um cenário econômico onde as possibilidades eram mais matizadas e disseminadas por Minas afora; agora não era mais o imediatismo das grandes fortunas resultantes de achados fabulosos materializados em grandes jazidas, e sim o trabalho árduo nas lavouras, nos chiqueiros, nas invernadas, nas empresas domésticas, no suado lucro das tropas em viagens arriscadas com o perigo espreitando a cada curva e conseqüentemente uma maior demanda de mão de obra escrava. Como já observado outrora, os mineiros – ao contrário dos europeus medievos que saíram do campo para formar os burgos – fizeram uma viagem inversa da cidade para o campo, levando consigo uma experiência de vida em comunidade.

Dessa sociedade com características peculiares constituiu-se uma elite formada por comerciantes, proprietários, magistrados, tropeiros, professores, funcionários públicos e, por último, mas não menos importante, o grande número de padres. No entanto, como observou Wlamir Silva (SILVA, 2006: 40), essas categorias não eram homogêneas: o que mais se via eram fazendeiros que eram ao mesmo tempo magistrados comerciantes ou padres que eram professores e proprietários de escravos. As categorias se misturavam e dificilmente os membros dessa elite se dedicavam a uma só função.

É nesse cenário em que se definiam as novas relações econômicas e políticas as publicações dos periódicos foram de suma importância para a penetração de mensagens ideológicas que ultrapassassem os segmentos mais elitistas da sociedade e chegassem ao maior número possível de leitores e ouvintes. A imprensa era, portanto, um mecanismo imperioso para que os grupos políticos atingissem seus objetivos de conquistar adeptos para seus projetos através da circulação das palavras e uma ferramenta na “construção de culturas políticas específicas”. Assim o conteúdo dos veículos era receptado, assimilado e retransmitido pelos leitores/ouvintes

A província mineira foi palco privilegiado de intensas movimentações políticas antes mesmo da Independência, e seus habitantes (pelo menos aquela parcela que sabia ler ou

ouviam através da leitura em voz alta nas boticas e empórios das vilas e cidades) testemunharam verdadeiros embates que alimentava as polêmicas entre liberais exaltados, moderados e caramurus perpetrados através da imprensa que funcionava, então, como veículo condutor da prática política e do debate sobre os diferentes projetos de nação (embora houvesse convergências entre eles). Os confrontos para concretizar os projetos dos vários grupos regionais eram inevitáveis, desfazendo assim qualquer idéia de que Minas foi uma província preservada das agitações durante o processo da Independência e a posterior instituição do Estado nacional, bastando lembrar a rebelião dos membros Primeira Junta Governativa, em 1822; a Revolta do Ano da Fumaça, em 1833 e a Revolta Liberal de 1842.¹

Compartilho aqui da opinião de Marcos Morel, que estudou a imprensa no período da Independência. Para ele os jornais impressos naquela época, além de funcionarem como veículos de prática política têm outra dimensão normalmente atribuída aos livros: a de fonte histórica portadora de “conteúdos que formulem, de maneira mais consistente, idéias, tendências e projetos”. (MOREL, 2005)

E, sem dúvidas, *O Universal* constitui a um só tempo objeto e fonte para se estudar as primeiras décadas do século XIX. A Hemeroteca de Minas Gerais possui uma coleção praticamente completa e bem preservada dos dezessete anos em que o jornal circulou possibilitando com isso, análises mais abrangentes ancoradas na série bem representativa dos jornais publicados.

O primeiro número de *O Universal* saiu no dia 18 de julho de 1825, estampando no frontispício a epígrafe com uma frase de Voltaire: *Rien, n'est beau que le vrai; Le vrai seul est aimable*, já revelando um pouco do espírito da época tocado pelo pensamento das Luzes.

Dezessete anos depois, mais exatamente no dia 30 de maio de 1842, foi impresso o último número onde o editor avisava que iria suspender a publicação da folha por causa das perseguições empregadas pelo governo contra os cidadãos e a liberdade de imprensa. Começava aí a Revolta Liberal de 1842, em que Minas e São Paulo se rebelaram contra o governo central, então sob a égide dos saquaremas.

Um exame mais detido nos exemplares do jornal *O Universal*, principalmente nos primeiros anos da década de 30, impressiona pela campanha acirrada a favor dos liberais mesmo se tratando de uma folha engajada. Os redatores eram useiros e vezeiros em publicar

¹ A idéia de uma província mineira serena e tranqüila é antiga. Janotti conta que nas discussões da Câmara do em maio de 1832 os deputados comentavam que: “[...] a Província de Minas Gerais era vista como um oásis de tranqüilidade; todas as províncias estavam convulsionadas, menos Minas Gerais. Tal exceção como que causava estranheza, discutia-se a respeito das razões motivantes da tranqüilidade mineira, ela proporcionava admiração por não registrar desordens.” (JANOTTI, 1990: 173)

notas, cartas e artigos sobre o perigo da restauração, com o Brasil retornando à condição de colônia. Usavam de vários artifícios para afastar o perigo caramuru, inclusive intimidando a população com a ameaça da iminente invasão do Brasil pelo Duque de Bragança à frente das tropas portuguesas. Um estratagema hiperbólico em se tratando da situação em que vivia Portugal naquele momento. No entanto, tudo era válido para reforçar a ação dos liberais moderados e eliminar de vez aspirações e sonhos de uma restauração. Esses boatos só terminaram quando aqui chegou a notícia da morte de D. Pedro I, em setembro de 1834.

Nas páginas de *O Universal*, Bernardo Pereira de Vasconcellos consumia sua pena em memoráveis polêmicas, e há indícios que ele teria criado dois personagens antagônicos – um liberal e outro caramuru – que trocavam verrinas nas páginas do periódico como se fossem reais, incrementando as discussões em torno das questões políticas que mobilizavam a sociedade naquele momento.²

No dia 28 de janeiro de 1833 foi publicado um ofício enviado da comarca de Lavras do Funil relatando que a região estava em relativa calma, porém:

*[...] desgraçadamente tem aparecido dissidentes e entre esses, um pequeno número, que ou por motivos particulares, ou alucinados com o ouropel da esperança de verem renascer os tenebrosos dias que enoítaram o Brasil desde a dissolução da constituinte até o Sete de Abril.*³

Porém, homogeneizar as consequências e impactos da imprensa neófita não é prudente e pode levar a generalizações equivocadas. Chartier nos alerta sobre a idéia fácil de que a mensagem ideológica modela corações e mentes como fôrma em argila mole. As atitudes intelectuais (ler, olhar ou escutar) podem muito bem redundar em desvios, reapropriações e resistências. (CHARTIER, 1990: 59-60). Todavia, é prudente relativizar as consequências do papel desempenhado pelas mensagens ideológicas atreladas aos jornais, sejam eles de tendências liberais ou conservadoras.

Entretanto, nem só de embates políticos e rixas ideológicas viviam os periódicos. Ofícios, avisos, anúncios, textos literários, matérias de jornais de outras províncias, cartas anônimas, notícias sociais e anúncios de naturezas variadas.

Dessa sociedade em intenso processo de transformação, movida por um dinamismo e um brilho diferenciado emanam, através das páginas de *O Universal*, fragmentos e expressões da vida social da comunidade.

² O memorialista Francisco Ferreira de Rezende nos dá o testemunho de como os debates políticos eram onipresentes nas ruas e nos lares das cidades e povoados da província mineira na época da Regência.

³ HMG: *O Universal*, dia 22 de fevereiro de 1833.

As seções do jornal constituem fonte para o resgate de aspectos do cotidiano vivido pelos mineiros. Cotidiano esse que evidencia o impacto das transformações econômicas, políticas e culturais ocorridas de maneira indelével na sociedade de Minas em particular e na brasileira em geral, aceleradas a partir da chegada da Corte portuguesa na cidade do Rio de Janeiro em 1808.

A existência cotidiana, definida por Braudel como o reino da rotina e por alguns historiadores como a única e verdadeira história “*o centro a que tudo o mais deve ser relacionado*” (BURKE, 1992: 23) é revelada por meio dos textos do jornal. Poderíamos elencar exemplos com dados sobre a vida educacional, as festividades, as condições de mulheres, homens pobres livres, índios e tantos outros.

Assim, no dia 12 de janeiro de 1829, Dona Beatriz de Assis Brandão manda anunciar a abertura de um colégio voltado para a educação das moças mineiras onde aprenderiam “prendas domésticas” e também francês, italiano, música e dança⁴.

Uma constante nas páginas do periódico eram os anúncios sobre a fuga de escravos, e como fugiam! As descrições desses “fujões” formam um conjunto de referências preciosas sobre os cativos, como por exemplo, as características físicas dos escravos e grau de instrução:

*A 15 de dezembro de 1838 fugiu a João Paulo dos Santos, morador de Barra Longa de São José um seu escravo por nome Camilo, crioulo, de idade 40 anos, um pouco mais ou menos (...), bom cozinheiro, sabe ler e escrever, muito falante. Quem o pegar e levar o dito a seu senhor receberá toda despesa.*⁵

E até da Corte chegavam pedidos de publicações de anúncios de escravos fugidos:

*No dia 4 de agosto do corrente ano, fugiu a José Antonio Guimarães, morador na Corte do Rio de Janeiro, Rua Mãe dos Homens, nº 55 um cabra por nome Manoel, natural dessa província, alto, magro, bem feito de corpo e mal dos pés, cabelo encarapinhado, poucas sobrancelhas e abertas, com sinal preto na parte direita, ou esquerda da barba e a orelha esquerda furada (...). É bom boleiro e cozinheiro, lava, engoma, lê e escreve mal.*⁶

Nos primeiros dias de maio de 1831, Manoel Ignácio de Mello e Souza, futuro Barão do Pontal, comemorou sua nomeação para a presidência da província de Minas Gerais – poucos dias após a abdicação de Pedro I – com um baile assim descrito pelo redator:

⁴ HMG: *O Universal* do dia 12 de janeiro de 1829.

⁵ HMG: *O Universal* do dia 18 de janeiro de 1839.

⁶ HMG: *O Universal* do dia 19 de setembro de 1825

O entusiasmo, o prazer, a alegria que grandemente dominam os nossos corações desde que tivemos a mui fausta notícia da Regeneração da Pátria é inexplicável, e cada dia novos festejos vem aumentar a nossa satisfação. Além dos que se fizeram a 3 de Maio, na noite de 5 houve no Palácio do Governo um magnífico Baile, o primeiro sem dúvida do nosso Ouro Preto, dado as expensas do Exmo. Presidente da Província. Mais de setenta Senhoras das principais famílias ali concorreram, com um triplicado número de cidadãos [...] O bom gosto, o luxo, a magnificência, e a profusão disputarão entre si a preeminência; mas nada cedia o prazer, a alegria, nascida do fundo d'alma. Até a uma hora da manhã cantou-se, bailou-se, e toda a companhia se divertiu amigável e seriamente. A esta hora foram as senhoras servidas de uma esplêndida ceia; depois das senhoras ocuparam os Cidadãos as duas mesas que se achavam praticamente recheadas das mais excelentes iguarias, e depois destes os músicos, e mais algumas outras pessoas, e assim se passou quase até a madrugada. Em quanto nas mesas passavam uns lanta e alegremente, as senhoras no salão continuarão a tocar, bailar e cantar até amanhecer. Depois de ser dia, despediu-se a companhia mui saudosa, julgando ainda breve o espaço que tão alegremente tinha passado. Os Srs. Presidente e Comandante Militar tiveram a delicadeza de acompanhar todas as senhoras as suas casas.⁷

O mesmo Manoel Ignácio irá sugerir ao Conselho Geral da Província, em dezembro de 1832, que se aproveitem os vadios e vagabundos que perambulam pelas vilas e arraiais para o trabalho nas lavouras:

A falta de braços pela cessação do tráfico da escravatura faz sentir a urgente necessidade de se abrigar ao trabalho grande número de vadios que divagam pelas grandes e pequenas povoações, e é mister o maior cuidado na polícia urbana e rústica, para que os artistas e jornaleiros não o sejam só no nome.⁸

Nos últimos dias de fevereiro de 1833, a população de Mariana se divertiu com o entrudo até que um cidadão perdeu a calma, depois de ter sido atingido por uma “laranja de cheiro”, e espancou o rapaz dono do artefato, o que levou o redator de *O Universal* a comentar: “Se os nossos Concidadãos houvessem meditado com atenção nas conseqüências de tão bárbaro divertimento; já há muito o teria prescrito; porém só o tempo e a civilização o podem desterrar (o entrudo)”⁹

O Universal publicava também artigos de jornais de outras províncias como *O Carapuceiro*, de Pernambuco e *Aurora Fluminense*, além de notícias internacionais, romances em capítulos ou condensados, poesias enviadas pelos leitores, ofícios variados, avisos, curiosidades, piadas, tabelas de preços de mercadorias praticados no comércio do Rio de Janeiro, achados e perdidos, etc.

O Universal circulou em Ouro Preto com a periodicidade de três vezes por semana. Sua linha editorial foi atribuída primeiramente a Bernardo Pereira de Vasconcellos até 1835 quando ele inicia sua guinada conservadora e, posteriormente, a seu proprietário José Pedro

⁷ HMG: *O Universal* do dia 9 de maio de 1831

⁸ HMG: *O Universal* do dia 5 de dezembro de 1832.

⁹ HMG: *O Universal* do dia 25 de fevereiro de 1833.

Dias de Carvalho com a colaboração de Joaquim Antão Fernandes Leão, ambos eleitos como deputados provinciais no período regencial. No futuro, já integrado na administração imperial, Carvalho seria ainda ministro da Fazenda, chefe de gabinete de D. Pedro II, além de ter integrado o Conselho de Estado. A informação de que Vasconcellos seria o editor do jornal foi divulgada por José Pedro Xavier da Veiga em 1887 e, até hoje essa versão tem prevalecido nos estudos sobre a imprensa em Minas Gerais. (VEIGA, 1887). Porém, não existem evidências concretas que Bernardo Pereira de Vasconcellos tenha editado realmente o jornal por um período tão longo e que, nem sua colaboração seja tão intensa como foi sempre divulgado, portanto, se faz necessário uma confrontação para investigar a veracidade dessa informação difundida pelo artigo de Xavier da Veiga.

A imprensa periódica sofreu um forte revés com a derrota do projeto liberal, não só em Minas Gerais, mas em outras províncias como São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro. Toda a exaltação característica da época da Regência ficará para trás. Durante o governo de D. Pedro II, a imprensa irá desempenhar, pelo menos até o acirramento da propaganda abolicionista e republicana, um papel bem menos notável e funcionar sob os olhos vigilantes dos conservadores.

Como a grande maioria de seus pares, o liberal moderado e antigo proprietário de *O Universal*, José Pedro Dias de Carvalho se integrará à administração imperial e, exatos vinte anos após o fechamento de seu jornal, ele será indicado como Ministro da Fazenda do Gabinete Zacarias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter, (org.). *A escrita da história. Novas perspectivas*. S. Paulo: UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. R. de Janeiro: Bertrant Brasil/Difel, 1990.
- JANOTTI, Aldo. *O Marquês de Paraná*. B. Horizonte: Itatiaia/ S. Paulo: EDUSP, 1990.
- LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação*. S. Paulo: Símbolo, 1979.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos. Imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. S. Paulo: Hucitec, 2005.
- _____. (org.). *Cipriano Barata. A Sentinela da Liberdade e outros escritos (1821-1835)*. S. Paulo: EDUSP, 2009.
- REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. B. Horizonte: Itatiaia/ S. Paulo: EDUSP, 1988.
- SILVA, Wlamir. A imprensa e a pedagogia liberal na província de Minas Gerais (1825-1842). In. NEVES, Lúcia Maria Bastos, MOREL, Marco e FERREIRA, Tânia Maria – *História e imprensa. Representações culturais e práticas de poder*. R. de Janeiro: FAPERJ/ DP&A, 2006.
- VEIGA, José Pedro Xavier da. A imprensa em Minas Gerais. In; *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano III, 1887. Versão digitalizada, CD 1, pasta 3.